

O IMPARCIAL

ANNO I

Florianopolis, 18 de Abril de 1916.

N. 10

ORGÃO INDEPENDENTE—Estado de Santa Catharina—PUBLICAÇÃO QUINZENAL.

Expediente d' "O IMPARCIAL"

Redactor—A. C. Gonçalves

— Assignaturas —

Anno. 2\$500

Semestre. 1\$500

Numero avulso . . . \$100

Toda correspondencia para este jornal deverá ser endereçada à «Redacção d'O Imparcial. — Posta Restante. — Florianopolis».

Pro-patria

II

E' justamente a ignorancia completa na materia do militarismo que faz os *discutidores* discarrilarem sempre pela rampa da incompetencia.

Influenciados por um sentimentalismo descabido moços ha que vêem, na precisão indiscutivel da existencia de cidadãos armados, uma medida sem importancia e até irrisoria.

Abysmam-se e engolfam-se no lodaçal onde se ajoujam os erros crassos, aquelles que pensam tão erroneamente.

Dizem elles, como a provarem a sua inteira nullidade no caso: — «Quando houver uma guerra, ficarei em casa para defender a familia.»

Imagine agora o bondoso leitor a seguinte hypothese:— O Brazil está em guerra com a Argentina. Os argentinos invadem nossas fronteiras. Qual o dever de cada brasileiro?

—Ficar em casa para defender a familia?

Não! Isso é simplesmente ridiculo até de se pensar.

O dever do cidadão brasileiro é ir lá, para as fronteiras, impedir a invasão inimiga, porque,

é muito logico: si os inimigos não conseguem pisar em nosso territorio muito menos entrarão em nossos lares; ao passo que, no pensar estupidamente irreflectido dos que pendem por uma evasião tão pífia, quão ignorante alvitre seria justamente o principio de uma derrota total; mais que tudo, vergonhosa.

Outros pontos que servem de temas a discussões calorosas, seriam aqui rebatidos, si não fosse a escassez de tempo que me assiste e o facto ainda deste jornal não poder conter artigos extensos, dado á abundancia de materia que tem de attender.

Não obstante, tentarei, sem que me torne importuno, dizer algo sob um desses casos, que preoccupa a tanta gente, fazendo suggerir a seu respeito umas tantas barbarias de apostrophes, cujas transbordam as columnas dos jornaes, em toadas mil e differentes.

E' a cazerna.

E' essa casa onde se ensina a defender a patria; é ali, naquella lar sagrado onde todos commungam das mesmas ideias, que se anninha todo o infundivel mysterio que embasbaca e apavora tanta gente, pondo arrepios de medo e tremuras de susto na espinha de tantos desfibrados.

A cazerna é, no pensar de muitos, o antro do crime, a casa da perdição.

E no emtanto é justamente o contrario. Ali, naquella Igreja da Patria, reza-se a missa do Civismo.

Não sabeis, por ventura, que, dentro daquella grande casarão da Praça General Osorio, se administra ao soldados os ensinamentos indispensaveis para que

elle seja um bom soldado e um cidadão exemplar?

Não sabeis que ali ha a lei severa que castiga o crime e a justiça que ennobrece as boas accões?

Não sabeis que ali dentro ha a Escola Regimental onde o soldado vae aprender o que não sabia quando não era militar? Não sabeis que ali dentro, em em cada companhia, se administra uma bella licção de cinismo que consta da leitura de trechos e ensinamentos patrioticos, sobre os nossos feitos e glorias, lidos nas companhias pelos seus respectivos sargentos?

E' que ali se cultiva, com o mais sagrado dos affectos, tudo o que um homem precisa saber para ser soldado e cidadão.

LE'O

A trahição de Judas

Elle, Judas Iscariotes, chega, treme, vacilla, mas, em breve, os trinta dinheiros o animam; elle caminha, approxima-se do Mestre, sauda-o hypocritamente e beija-lhe a fronte divina.

E Jesus é prézo.

Agora, eis Jesus já crucificado, o sangue a escorrer-lhe pelo corpo santo, o peito em chagas, a cabeça ferida por uma brutal corôa d'espinhos!

E elle geme... E elle sofre...

Tortura-lhe a sêde; pede agua e somente dão-lhe tél e vinagre!

E o martyrio continúa!

Continúa o martyrio da cruz, continúa o martyrio da vida pelo amor, da vida pela salvação d'irmãos.

E dizer que foram esses mesmos irmãos os seus algozes!...

Mas o Filho do Homem não teme a dor. Sabe que ella é do homem e para o homem. E, bem não a merecesse, Jesus supportou-a com resignação porque elle proprio a procurara.

E soffreu, soffreu como a nenhum homem é dado soffrer,—mesmo neste montão de miserias, onde a tréva é a felicidade, porque é illuminada ephemeramente pela ignorancia!

E crueis foram os padecimentos de Jesus.—Quem procura, ou pensa, avaliar o grão desses soffrimentos?

Haverá, por acaso, soffrimentos que possam ser comparados aos de Jesus, flagellado pelo azorrague, escalando o monte do Calvario—sob o pezo immenso duma cruz de madeira bruta, e, finalmente, crucificado?

Oh! não!

Mas o Nazareno soffreu tudo isso. E que de resignação, que de bondade, havia naquelle espirito divino, que as negras injurias do homem tentavam manchar!

Jesus soube ser martyr; o seu corpo sentia as dôres e se humilhava ao poder da humanidade, enquanto sua alma, sempre af feita ao perdão, lá estava, no altissimo, a murmurar, num sorriso, ao Creador:

—“Meu Pae! Perdoae-os... Perdoae-os, porque não sabem o que fazem.”

A hora approxima-se, a hora da Salvação pela morte, a hora da Gloria pela dor das torturas da cruz!

E o meigo Senhor, deixando tombar a cabeça, murmura sómente:

—*Consummatum est!*

O templo fora destruido, para ser reedificado em tres dias...

Judas, agora, contempla aquella scena de tristeza. Oremorso chega-lhe, elle treme, mas não hesita; lançando ao sólo o preço da traição, elle procura e encontra um refugio:—o suicidio!

Gustavo Neves.

O OLHO

Vencendo obstaculos de toda ordem, os nossos intelligentes conterraneos Edmundo Silveira e Dario Gouvêa, com o auxilio de alguns outros distinctos patricios, conseguiram, finalmente, dotar nossa capital com uma excellente revista litteraria e humoristica.

«O Olho», a revista a que nos referimos, vem preencher uma sensivel lacuna em nosso meio social, motivo por que teve o mais franco acolhimento por parte da população d'esta cidade, o que, é de suppor, acontecerá tambem no interior do Estado.

Os seus dois primeiros numeros, que honram nossa mesa de trabalho, trazem nitidos e artisticos clichês e bellas produções litterarias de Barreiros Filho, João Crespo e Alberto Barbosa.

A «O OLHO», que se acha sob a competente direcção de dois moços de reconhecida actividade e que conta com o auxilio de artistas e litteratos de real valor, «O Imparcial» deseja prosperidades.

O Espião

Recebemos a visita d'«O Espião», jornal critico e humoristico que acaba de vir á luz da publicidade nesta capital.

Gratos pela visita, retribuiremos, com prazer.

JOGO

Pedem-nos que chamemos a attenção da policia para uma casa de negocio sita no logar denominado José Mendes, que mantem jogo de vispora e nelle admite creanças, que, de passagem para a escola, ali perdem o dinheiro que possuem.

Esperamos que o zeloso delegado de policia, Sr. Fernando Machado, tomará providencias a respeito.

Rink Catharinense

Parece que o Sr. Julio Toldo continúa no firme proposito de não permittir que homens de cor e praças de pret patinem no Rink Catharinense.

Isso se deprehe de seu silencio ante nossa local «RESOLUÇÃO AVILTANTE», inserta em o numero de 2 do corrente d'este jornal.

Dizem os «advogados» do Sr. Toldo que para a patinação ha um horario, organizado logo que se abriu o Rink Catharinense e que continúa a ser obedecido.

Não foi feliz o Sr. Toldo no meio com que pretendeu reconquistar a sympathia do publico.

S. S. é, não ha duvida, muito «tolerante».

Das 6 ás 13 horas tem ingresso em sua casa de diversões qualquer pessoa, «sem distincção de classes.»

E' sabido que a essas horas todos que amam o trabalho estão em suas occupações, angariando honestamente os meios de subsistencia, não podendo, por isso, acceitar o «generoso» acolhimento que S. S. lhes offerece.

Das 13 ás 18 horas sómente patinarão moças

Estamos de accordo, neste ponto, apesar de vermos alli, seguidamente, nessas horas, diversos «marmanjos», que, por obra e graça do proprietario do Rink, são chamados «professores de patinação», apesar de, com raras excepções, não passarem de simples aprendizes do bello sport.

A' noite, finalmente, das 18 ás 24 horas poderão patinar «os assignantes» e socios do Tiro 40.

Essa disposição não passa de um pretexto do Sr. Toldo para manter sua odiosa resolução, pois ninguem ignora que á noite patina no Rink qualquer paisano, logo que seja branco ou que possa passar como tal.

Ai d'aquelles que vestirem a gloriosa farda do exercito brasileiro ou tiverem a mesma cor dos grandes patriotas que se

chamaram José do Patrocínio e Henrique Dias!

O Sr. Toldo não admittirá que patinem; julga-os indignos de sua consideração.

E' demais! Em tudo isso, porém, o que mais admira é o silencio dos nossos collegas, que não publicaram uma só linha contra o procedimento do Sr. Toldo, mas...

Cumprimos o nosso dever defendendo duas classes nobres e nos sentimos satisfeitos com os protestos de solidariedade de respeitaveis cidadãos.

Nenhum brasileiro verdadeiramente patriota deve frequentar uma casa de diversões em que são menosprezados patriotas.

O Sr. Toldo tem dois partidos a escolher: revogar ou manter sua aviltante resolução em relação ás praças de pret e homens de cor.

Se optar pelo primeiro terá os applausos do publico; se preferir o segundo póde contar com o desprezo de todas as pessoas sensatas.

As columnas do nosso modesto quinzenario estão á sua disposição para justificar-se.

Tem, pois, a palavra o Sr. Julio Toldo.

ESPIRITISMO

Que é o espiritismo? Eis uma pergunta que por milhares de fórmulas tem sido respondida sem que até hoje se deem por satisfeitos os que a formulam, apesar de tudo o que se tem dito a tal respeito chegar sempre ao mesmo resultado:—a sua condemnação *in limine*. Em vista, pois, do que fica dito é inutil qualquer discussão sobre o assumpto.

No Evangelho, tão apregoado pelos Senhores espiritas e pelos mesmos tão mal comprehendido, ha uma maxima de Jesus que diz:—«Pelos fructos conhecereis a arvore; a que fór boa dará bons fructos e a que fór má só produzirá máos fructos.»

Partindo deste principio é

nosso proposito provar *com factos*, diariamente registrados pelos nossos jornaes e que com a devida venia transcrevemos aqui a *excellencia* da doutrina espirita, em boa hora condemnada pelas leis do paiz. O facto que se segue foi commentado por quasi toda a imprensa do paiz, inclusive a desta Capital, e mostra claramente quanto é nociva á sociedade esse arremedo de religião, vomitado pelo inferno para perder a humanidade:—«Depois de uma sessão, num cento da rua Visconde de Itaúna, um homem sahio em trajes de Adão para a rua.

Apezar de ser já tarde da noite, o estranho apparecimento do novo Adão causou escandalo, e a policia foi avisada. Dois mantenedores da ordem, mesmo sem ser da policia de costumes, saíram a procura do homem e o encontraram próximo á rua Visconde de Sapucahy. Elle vinha muito fleugmatico, a passo cadenciado, fumando um cigarro e fazendo, de quando em vez, largos gestos incompreensiveis.

Prenderam-n'o. Puzeram-n'o em um automovel, transportando-o para a delegacia. Ficou apurado tratar-se de um monomaniaco *victima do espiritismo*, de nome José de Souza Cruz, com 35 annos, morador a rua Pedro Americo, n' 67. Alguem da familia trouxe roupa para o infeliz que deve ser removido para o Hospital de Alienados. José de Souza, que é homem forte, espadaúdo, de cor branca, declarou andar assim por saber-se *desencarnado*.

D'«A Palavra»—Belem—Pará—16. Dez. 915 n' 448.»

Um outro caso menos ridiculo do que lamentavel encontrei no excellente opusculo do conego Angelo Martins, sobre o espiritismo:—Uma velha, viuva, fallecida em Portugal, deixou toda a sua fortuna, que não era pequena, a um gallo que possuia e a quem tinha grande estimação.

Porém os herdeiros, que tam-

bem não eram poucos, não se conformaram com essa esqueitice da querida parente e, depois de algumas syndicancias, chegaram a saber que a finada era dada á pratica do espiritismo, em cujas reuniões lhe persuadiram que a alma do seu defuncto marido achava-se *encarnada* no gallo.

D'ahi as sympathias pelo bicho.

Recolher a preciosa ave n'um rico gallinheiro (devia dizer-se galleiro, porque alli não havia gall nhas, das quaes a velha tinha um grande ciome), tratá-la com o maior carinho, era para a pobre velha a maior satisfação que podia ter. E tão longe levou essa afeição que não hesitou, na hora da morte, de legar *ao gallo* a fortuna, que talvez muito trabalho dêsse ao marido em adquirir.

Quem, porém, não esteve pelos autos foi o juiz que restituiu aos legitimos herdeiros a referida fortuna, visto tratar-se de um caso de *monomania, produzida pelo espiritismo*

Mosquito.

O popular Cinema Circulo recebeu, pelo ultimo paquete chegado do Rio de Janeiro, importantes films de grande metragem e coloridos que serão exhibidos na proxima semana.

Esse cinema, o preferido do publico florianopolitano, alcançará, breve, mais um brilhante triumpho com a projecção do mais extraordinario film até hoje editado.

O titulo do inegalavel trabalho é «Os...

«Basta! Basta! Queremos fazer uma surpresa aos nossos favorecedores», gritou um dos dirigentes do Circulo que se achava ao nosso lado quando escreviamos esta noticia. Achamos que elle tinha razão e assim, os amaveis leitores ficam desconhecendo, por enquanto, o titulo do rei dos films.

Aos esforçados directores do Cinema Circulo felicitamos pela invejavel aquisição que fizeram.

Collaboração

Por absoluta falta de espaço deixamos de publicar no presente numero um artigo, sob a epigrapha "A Morte", da lavra do nosso assiduo collaborador sr. Gustavo Neves, e uma local sobre a mutua predial paulista "A Internacional", que até esta data não pagou o premio de 10:000\$000 com que foi contemplada, no sorteio correspondente ao mez de Fevereiro, a caderneta pertencente ao sr. João Beßen, residente em Biguassú.

Moradores do arraial do Saco dos Limões pedem-nos que solicitemos do exmo. revmo. sr. Bispo Diocesano providencias no sentido do sr. Vigario da Trindade dizer missa na capella d'aquelle arraial todos os domingos e não somente de 15 em 15 dias, como acontece actualmente.

Justo como é o pedido, estamos certos que o revmo. D. Joaquim Domingues, zeloso Bispo Diocesano, o tomará em consideração.

Secção dos novos

(Vide n. 6 d'«O Imparcial.»)

O Anjo Tutelar

(Ao M. D. Director da Congregação Mariana do Gymnasio Santa Catharina, Sr. Padre Jorge Seldmayr.)

Quem corrige nas almas os máos discernimentos, quer na paz, quer em plena guerra?

O abnegado ministro de Jesus Nazareno na terra.

E' elle o anjo tutelar, que, cheio de bondade e candura ensina ao homem o caminho do bem.

Sua alma é alva como o lilio, symbolo da castidade; seu coração, d'onde só emana o perdão para os que o offendem, é limpido como o orvalho crystalino de serenadas madrugadas.

Infelizes são aquelles que recusam ouvir de seus labi-

os regeneradores ensinamentos, mais valiosos, sem duvida, do que os pregados por juizes e autoridades.

Se alguém o insulta, elle, resignado, vai implorar, aos pés do Redemptor, perdão para o desgraçado. Depois... cançado da jornada, cumprida sua nobre missão, vencendo o furor das ondas revoltas da impiedade numana, sua angelica alma de Anjo Tutelar irá ainda perante Deus, lá nos céos, rogar por nós.

JOÃO DOS SANTOS NEVES.

O teu olhar

(Ao amiguinho J. A. Canna Verde.)

Foi em uma bella noite do mez de Abril. Recolhi-me ao meu gabinete de trabalho e, como para distrahir o meu espirito das leituras fastidiosas, cheguei á janella para contemplar o esplendido luar.

A lua errava serena no azul

do firmamento, matizado de scintillantes estrellas.

E ao fitar a lua, lembrei-me do teu meigo olhar, sempre triste como ella.

Depois de estar, por algum tempo, absorto naquella agradável contemplação, o somno se foi apoderando de mim e levou-me ao leito.

Adormeci. Sonhei, então, que os pallidos reflexos da lua representavam a candidez de teu olhar de creança. Sonhei que a doçura de teu olhar attrahia e fascinava outros anjos de bondade, que viam nelle retratada a nobreza de tua alma seduciora como as nuvens róseas que rolam no espaço ao alvorecer do dia.

Despertei. Era dia, já brilhava o astro rei, que com seus raios de ouro reflectindo por entre as cortinas do meu quarto veio acordar-me e pôr fim ao sonho em que via teu terno olhar na pallidez da lua.

José da Rocha Passos.

SONHOS

Velhas ruinas de castello antigo,
Ruido pelo vento da Vaidade,
Cousas vans e tristonhas que maldigo,
Num delirio de atroz anciedade.

Cruzes quebradas, tumulos abertos,
Velhas ossadas dos humanos seres,
D'aquelles que temiam dos dezertos,
E viviam sorrindo nos prazeres...

Flores, espinhos, gosos e amarguras,
Alegrias, tristezas, magua e risos,
Jazem na fria paz das sepulturas...

Sonhos crueis que só traduzem maguas!
Sonho com a Terra, e o Céu e os Paraisos,
E accordo-me com os olhos rasos d'agua...

3-4-916

Nicolau N. Nahas